

# *História do esporte no cenário internacional: visão geral*

Wray Vamplew[1]

## **Resumo**

A história do esporte é a memória esportiva de uma nação, mas é um terreno contestado por conta dos conflitos envolvendo a natureza e a validade das provas e da aplicação teórica. Desenvolveu sociedades acadêmicas que publicam jornais; porém, também existe uma forte tradição de pesquisa amadora. Sugere-se o planejamento da pesquisa e das direções nas quais o objeto possa progredir.

**Palavras-chave:** história do esporte; história pública; teoria.

## *The history of sport in the international scenery: an overview*

### **Abstract**

Sport history is the sports memory of a nation, but it is a contested terrain because of conflicts over the nature and validity of evidence and theory application. It has developed academic societies, which publish journals; however, there is also a strong tradition of amateur research. Suggestions are made for a research agenda and directions in which the subject may progress.

**Keywords:** sport history; public history; theory.

## *Historia del deporte en el escenario internacional: visión general*

### **Resumen**

La historia del deporte es la memoria deportiva de una nación, pero es un terreno discutido debido a los conflictos envolvendo la naturaleza y la validez de las pruebas y de la aplicación teórica. Desarrolló sociedades académicas que publican diarios; sin embargo, también existe una fuerte tradición de investigación amateur. Se sugiere el planeamiento de la investigación y de las direcciones en las cuales el sujeto pueda progresar.

**Palabras clave:** historia del deporte; historia pública; teoría.

## *L'histoire du sport dans la scène internationale: un aperçu*

### **Résumé**

L'histoire du sport est la mémoire du sport d'une nation, mais il y a controverses en raison des conflits liés à la nature et à la validation des données et application de la théorie. Il ya des sociétés savantes qui publient revues, mais la recherche amateur est traditionnelle. Des suggestions pour un calendrier de recherche sont faites, et nous offrons orientations pour le développement du sujet.

**Mots-clés:** L'histoire du sport; histoire publique; théorie.

A maior contribuição da história do esporte para o estudo do tema refere-se à dimensão do tempo. A história do esporte pode ser considerada como a memória esportiva de uma nação, sem a qual o que há é a amnésia esportiva. Ela pode registrar uma recordação esportiva, mas também explicar porque algumas coisas mudaram enquanto outras continuaram iguais. A história trabalha com evidências que situam eventos e acontecimentos em seus devidos contextos, ajudando a esclarecer as forças ao seu redor. Se quisermos saber para onde o esporte vai, é interessante saber por onde esteve. Isso dá base para prospectarmos o progresso e a mudança (ou a falta deles). Pode nos ajudar a apreciar a diferença entre tendência e flutuação, e perceber que nem tudo tido como “importante” no mundo dos esportes tem influência permanente, ou que tudo ligado ao esporte moderno é novo. De fato, o esporte do passado moldou o esporte do presente, já que existe alguma herança nas regras, órgãos administrativos, estilos de jogadas, competições ou equipamentos.

Ainda assim, é importante enfatizar que o conhecimento histórico é sempre provisório. Tirando os “fatos esportivos”, que mostram quem ganhou o que, onde e de quanto, não há verdades absolutas na história do esporte. Historiadores tentam compreender o passado encontrando provas, interpretando-as e usando-as para chegar a conclusões plausíveis. Porém, deve-se reconhecer que a história do esporte é um terreno contestado, que pode ser encarado de diferentes perspectivas, a partir de vários questionamentos e interpretações.

Além disso, como sugere Hill, “a história não pode ser separada dos historiadores”, que têm uma relação pessoal com o tema, influenciada pela criação, educação e crenças políticas.<sup>1</sup> Neste aspecto, Booth pediu mais reflexão para: “a consciência de que historiadores têm um papel criativo na produção e na apresentação da história”, argumentando que deveriam ser mais abertos em seus julgamentos e reconhecer como a subjetividade afeta sua abordagem e narrativa.<sup>2</sup>

### Desenvolvimento do tema

Há exemplos de pioneiros da história acadêmica do esporte que procuraram “estabelecer seu trabalho com diálogos sociais e paradigmas maiores”.<sup>3</sup> Quase um século atrás, Paxson escreveu sobre o crescimento do esporte americano, e nas décadas entre os períodos de guerra, acadêmicos alemães documentaram eventos esportivos históricos, pessoas e instituições. Porém, só no final dos anos 1960 o tema realmente decolou, associado a um movimento histórico geral conhecido como “história vista de baixo”, que analisava a vida cotidiana de pessoas comuns. Em quase todos os lugares, duas escolas de pensamento se delinearam: uma mais ligada à educação física e outra com base na história. A escola da educação física focava mais no desenvolvimento de esportes específicos, enquanto a da história discutia como os esportes se encaixavam na sociedade. Esses profissionais transformaram a história do esporte

<sup>1</sup>Jeffrey Hill, *Sport in history: an introduction*, Basingstoke, Palgrave Macmillan, 2011, p. 22.

<sup>2</sup>Douglas Booth, *The field: truth and fiction in sport history*, Abingdon, Routledge, 2005, p. 211.

<sup>3</sup>Steven W. Pope (ed.), *The new American sport history*, Urbana, University of Illinois Press, 1997, p. 1.

em uma especialidade, juntamente com outras “novas” subdisciplinas da história, como a das mulheres, trabalho, urbanização e negros.

Se a cronologia e a difusão eram as palavras-chave que interessavam aos oriundos da escola ligada à educação física, o tema e o contexto eram mais importantes para os historiadores. Para eles, a história do esporte era mais do que lúdica, o que os levava a posicionar as questões esportivas em um ambiente social, político, econômico ou cultural maior. Houve mesmo tensão entre as duas escolas de pensamento, que, todavia, conviveram em espaços semelhantes, mesmo que pregando diferentes ideologias. Essa divisão pode aparecer novamente, conforme a história do esporte se consolida em novas áreas geográficas.

### Meios de comunicação

A primeira e maior sociedade científica de história do esporte foi o *International Committee for the History of Physical Education and Sport* (ICOSH), fundada em 1967, sob a tutela do *International Council of Sport Science and Physical Education*. Esta sociedade era dominada por acadêmicos do Leste Europeu, e divergências políticas em seu interior levaram à criação de uma segunda

---

*A história do esporte era mais do que lúdica,  
o que os levava a posicionar as questões  
esportivas em um ambiente social,  
político, econômico ou cultural*

---

organização, a *International Association for the History of Physical Education and Sport* (HISPA), fundada em 1973. O objetivo era estabelecer conexões entre historiadores do esporte e todas as grandes instituições ligadas à ciência do esporte, porém, sem se relacionar com a história convencional.

Enquanto isso, pelo Atlântico, a *North-American Society of Sport History* (NASSH) foi estabelecida em 1972. Na Inglaterra, a *British Society for Sports History* (BSSH) surgiu em 1981, a partir de um grupo de estudos sobre a história da educação física. Em sua conferência inaugural, em 1982, o título atual foi formalmente adotado. Nas Antípodas, a *Australian Society for Sports History* (ASSH) foi fundada na quarta conferência bienal de tradições esportivas.

A força numérica dessas novas organizações e sua relutância em se envolver com a HISPA ou a ICOSH eram uma ameaça às corporações europeias que, na esteira do fim da Guerra Fria, uniram-se em 1989, formando a *International Society for the History of Physical Education and Sport* (ISHPES), dando menos ênfase ao lado científico do esporte. Embora essa sociedade realize conferências por todo mundo, permaneceu eurocêntrica em sua administração. Outra sociedade europeia foi fundada em 1995, resultante da *European Network of Sport Science Institutes of Higher Education*. Conhecida inicialmente como CESH, formalmente tornou-se o *European Committee for Sports History*, em 2006. Embora seja aberta para todos os historiadores do

esporte, seus esforços estão direcionados a ajudar jovens estudantes a desenvolver a dimensão europeia de seu trabalho.

O primeiro jornal acadêmico regularmente publicado na área foi o *Canadian Journal of History of Sport*, que começou em 1972 e tornou-se parte do império editorial *Human Kinetics*, em 1995, ano em que seu título mudou para *Sport History Review*. Foi seguido pelo *Journal of Sport History*, órgão oficial da NASSH, em 1973. Na Austrália, a ASSH iniciou a publicação da *Sporting Traditions*, em 1984, que é até hoje a revista da sociedade. Na Europa, há importantes publicações, como *Stadion*, *Internationale Zeitschrift des Sports*, *Revue Internationale d'Histoire du Sport*, *Sportzeiten*, e *Ludica*, fundada pela *Benetton Foundation*, especializada em materiais pré-século XX. Recentes adições ao mundo da história dos esportes incluem a *European Studies in Sport History*, patrocinada pela CESH (2008), a escandinava *Idrottsforum* (2008) e a brasileira *Recorde* (2008), sendo as duas últimas virtuais. As outras são mais voltadas às Olimpíadas, como o *Journal of Olympic History* e *Olympika*.

Sem dúvida, o *International Journal of the History of Sport* é o mais global em termos de cobertura, tendo sido iniciado em 1984 como *British Journal of Sports History*. Devido a divisões políticas internas e ao fato de o editor não concordar em limitar assinaturas aos membros, não se tornou um periódico ligado à BSSH. Em 1987, ainda sob a tutela de J.A. Mangan, o novo título foi escolhido. Atualmente, publica 18 edições por ano, incluindo as regionais, como na Ásia, Américas, Australásia, assim como o Pacífico, Oriente Médio, África e Europa. Também patrocina workshops que geram edições especiais. Inicialmente, a publicação era feita pela Frank Cass, e agora está sob a égide da Routledge. O jornal da BSSH era o *Sport Historian*, que surgiu em 1994, a partir de uma newsletter iniciada em 1982. Depois passou a se chamar *Sport in History*, em 2003, quando também passou a ser publicada pela Routledge.

Há também diversas publicações dedicadas ao esporte que têm aberto suas páginas para historiadores do esporte, entre eles o *Journal of Sport and Social Issues*, a *International Review of Sports Sociology*, o *Sociology of Sport Journal*, e o recente *EAST*, que aborda os esportes asiáticos.

A história do esporte não aparece somente em livros e artigos acadêmicos. Também há a chamada história pública do esporte, geralmente popular, mais divulgada e, às vezes, mais divertida. Para discutir o assunto de acordo com importantes historiadores do esporte, envolvidos com a história pública.<sup>4</sup>

Há três grandes formas de fazer a história pública. Primeiro, há o que pode ser chamado de história pública popular, que usa meios midiáticos, especialmente a televisão, o vídeo e a internet. Filmes e programas de televisão são muito criticados por pesquisadores acadêmicos, já que a voz dos historiadores é mediada por produtores e diretores, que sacrificam a precisão histórica por um roteiro. Todavia, é isso que atrai os espectadores; e cada vez mais pessoas assistem a filmes ou programas ligados à história do esporte do que leem livros de história. A internet normalmente é o recurso usado por historiadores amadores, que divulgam fatos sobre seus times ou jogadores preferidos e inserem correções constantes no Wikipedia. Mais recentemente, porém, alguns

<sup>4</sup>Douglas Booth, Mike Cronin, Murray G. Phillips, Douglas Brown, "Our' voices in public history", *Journal of Sport History*, vol. 35, n. 3, p. 371-427, 2008.

historiadores esportivos acadêmicos optaram por publicar seus trabalhos online, com acesso aberto, para serem lidos pelo grande público.

Em segundo lugar, há os museus do esporte, ou seja, a face pública da história do esporte. Esses podem ser os melhores lugares para replicar a performance, o drama, o romance, a paixão e a emoção do esporte, e têm um papel muito importante para educar por meio do entretenimento. Infelizmente, é frequente que esses museus se deixem levar pelo mercado da nostalgia e, fazendo isso, perpetuam mitos, pecam em objetividade histórica e argumentos, falham em contextualizar artefatos, evitam o controverso, concentram-se no esporte como uma atividade competitiva, voltada para adultos e homens, e são obcecados por vencedores e pelo ato de vencer.

A terceira forma é a história “oficial”, autorizada ou comissionada por um órgão governamental ou similar. As críticas se destinam tanto à omissão quanto à comissão: dos financiadores é dito o que querem ouvir, normalmente desconsiderando temas controversos.

### Evidência e teoria

A História é uma ciência social interpretativa, com base empírica: a menos que exista alguma evidência do passado, não pode haver a história do esporte. As fontes tradicionais de evidência, arquivos e jornais — antes da televisão, talvez os “maiores instrumentos de comunicação popular”<sup>5</sup> — tem sido substituídas por novas fontes. A história oral pode fornecer uma percepção pessoal sobre os eventos e o que eles significaram para um grupo específico de pessoas, dando vida à evidência histórica. O material visual nos ajuda a sentir como era o passado. Tanto o vídeo quanto a fotografia confirmam a existência do passado, sendo que o primeiro adiciona a dimensão do movimento, o corpo em ação como ponto central do esporte. A ficção pode ser uma fonte valiosa, já que é cultural e formada por pessoas que entendiam o mundo ao seu redor, mas os historiadores de esportes são relutantes quanto a isso, e veem a ficção como enganosa e subjetiva. Mesmo assim, romances, especialmente os escritos no período estudado, podem esclarecer o contexto do esporte e fornecer reflexões sobre assuntos que, por vezes, ficam esquecidos nas fontes convencionais, especialmente em relação ao papel da prática na vida cotidiana.

A história depende da evidência, embora seja importante que historiadores questionem suas fontes para confirmar sua autenticidade e validade. A imprensa deveria ser vista como um texto a ser interpretado, em vez de uma fonte fatídica a ser aceita. De fato, alguns aspectos da reportagem têm a ver com inventar a tradição: adicionar anedotas, selecionar fatos e encaminhar opiniões podem ajudar a vender jornais, mas também mancham a reputação de um material confiável e direto. Poucos historiadores do esporte abraçaram completamente a visão pós-moderna da história como sendo virtualmente uma escrita criativa, mas existe maior vontade de aceitar que a evidência pode ser prejudicada ao se valorizar algumas informações em detrimento de

<sup>5</sup>Jeffrey Hill, “Anecdotal evidence: sport, the newspaper press, and history”, *In*: Murray Phillips (ed.), *Deconstructing sport history*, Albany, State University of New York Press, 2006, p. 121.

outras. A evidência coletada e arquivada pode ter funções de poder nas sociedades do passado e do presente. Assim, grupos subordinados — normalmente as pessoas que não registram fatos em diários, não participam de comitês e não são entrevistadas por repórteres — nem sempre são “ouvidos” nos documentos históricos. Além disso, a “evidência” pode ser falsificada ou manipulada, tanto deliberadamente, com a edição ou corte de fotografias, quanto subconscientemente, quando entrevistados pela história oral confundem memória com percepção tardia.

Booth contesta os historiadores do esporte por não se engajarem mais fortemente com a teoria, criticando aqueles que simplesmente unem fatos para contar uma história.<sup>6</sup> Ainda assim, mais historiadores esportivos usam a teoria e conceitos teóricos do que se acredita. Alguns desses, especialmente aqueles ligados à história social, aplicaram explicitamente a teoria em seu trabalho, especialmente alguns filósofos europeus, como Gramsci, Foucault e Bordieu, juntando-se àqueles que antes usaram implicitamente as ideias de

---

*Poucos historiadores do esporte abraçaram completamente a visão pós-moderna da história como sendo virtualmente uma escrita criativa*

---

Marx. Historiadores econômicos do esporte sempre têm pensado a partir de um referencial da economia. Muitos deles se debruçaram sobre temas como a modernização, o materialismo, a hegemonia, a estruturação, o feminismo, o discurso e o textualismo. Adotaram o preceito de Howell: “para escrever boa história [...] é preciso nos engajar criticamente com os discursos teóricos que moldam nosso entendimento histórico e contemplar tendências intelectuais que podem cruzar limites disciplinares”.<sup>7</sup> Mesmo assim, é verdade que poucos historiadores do esporte discutem explicitamente questões teóricas; porém, muitos conhecem os conceitos e teorias, que os ajudam a informar seu trabalho e a criar explicações e argumentos. O status da classe e o poder estiveram presentes na história do esporte por muito tempo; conforme novas questões conceituais emergiram na agenda sociopolítica, foram sendo abraçadas pelos historiadores esportivos. Por exemplo, a virada linguística influenciou a história dos esportes e a aplicação da teoria dos estudos culturais em fontes históricas está disponibilizando muito espaço para explorar o que o esporte significa para os jogadores, oficiais e fãs. Isso teve duas importantes influências na história do esporte. Primeiramente, ajuda-nos a entender melhor o que as pessoas acreditam ter acontecido em suas experiências esportivas, mesmo que de fato não tenham acontecido; e em segundo lugar, demonstra como o texto histórico pode influenciar as crenças das pessoas.

Deve ser observado que duas teorias complementares foram desenvolvidas respectivamente por Guttmann e Szymanski para explicar o desenvolvimento

---

<sup>6</sup>Douglas Booth, *The field: truth and fiction in sport history*, Abingdon, Routledge, 2005, p. 210.

<sup>7</sup>Colin Howell, “Assessing sport history and the cultural and linguistic turn”, *Journal of Sport History*, vol. 34, n. 3, 2007, p. 461.

do esporte.<sup>8</sup> Guttman postulou uma versão própria de “modernização”, na qual argumenta que o esporte moderno possui sete características estruturais. Primeiramente, é secular, sem motivações religiosas. Em segundo lugar, deve demonstrar igualdade. Teoricamente, todos devem ter a oportunidade de competir, e as condições devem ser as mesmas para todos os competidores. Em terceiro lugar, introduz a ideia de especialização: todos que quiserem jogar futebol medieval podem fazê-lo, já que não havia papéis definidos; com a ênfase na conquista, uma característica do esporte moderno, desencadeou um processo de especialização tanto dentro quanto entre as modalidades. Em quarto lugar, há um processo de racionalização, especialmente no desenvolvimento de regras que, em sociedades primitivas, eram consideradas como “instruções divinas” — criadas por Deus, ou seja, não poderiam ser alteradas por meros humanos; diferentemente dos esportes modernos, que foram inventa-

---

*A virada linguística influenciou a história dos esportes e a aplicação da teoria dos estudos culturais em fontes históricas está disponibilizando muito espaço para explorar o que o esporte significa para os jogadores, oficiais e fãs*

---

dos e tiveram suas regras escritas. Houve ainda mais racionalização com o desenvolvimento do treinamento e da ciência do esporte. A quinta característica é a burocratização. Quase todo grande esporte possui organizações nacionais e internacionais, que desenvolveram diversas burocracias para estabelecer regras universais para administrar sua implementação. Isso não era necessário quando não existiam regras escritas. Em sexto lugar, percebe-se um processo de quantificação; o esporte moderno transforma todo feito atlético em estatísticas. Seguindo a quantificação, vem o sétimo ponto, a ênfase nos recordes. Como em vários modelos, o de Guttman era uma postulação ideal, que nem sempre terá todas as condições satisfeitas. Porém, manteve-se no decorrer do tempo, se não inteiramente, ao menos como base para que outros dele partissem. Alguns críticos sugeriram que o modelo requer mais esforços em publicidade, imprensa, marketing, comercialização e profissionalização. Outros acreditam que Guttman restringiu-se rigidamente ao seu modelo ideal, e se recusou a revisá-lo à luz de novas pesquisas, embora reconheçam que ele tenha integrado algumas perspectivas críticas ao seu trabalho.

No início do século XVIII, um movimento começou na Inglaterra, envolvendo a formação de clubes por vários motivos, como críquete, golfe, pugilismo e hipismo. Eles reuniram pessoas com um mesmo objetivo, forneceu bases para a criação de regras comuns, criou um cenário para a interação competitiva e assegurou um local de participação e sociabilidade. Szymanski argumenta que os esportes modernos ingleses emergiram dessas novas formas de associativismo,

---

<sup>8</sup>Allen Guttman, *From ritual to record*, New York, Columbia University Press, 1978, 2004; Stefan Szymanski, “A theory of the evolution of modern sport”, *Journal of Sport History*, vol. 35, n. 1, 2008, p. 1-32.

que se desenvolveram de forma autônoma na Inglaterra após o Estado ter se retirado do controle de atividades associativistas. Segundo ele, isso contrastava com a situação em alguns países, como a França e a Alemanha, onde a formação de clubes ainda requeria a aprovação explícita ou implícita do Estado.

Assim, os esportes modernos se desenvolveram de forma articulada com os objetivos do Estado, ou a serviço dele, especialmente em relação à necessidade de manter a prontidão militar. Seus críticos reconhecem a ambição de sua análise, mas sugerem elementos faltantes e fatores causais alternativos. Argumentam que mais provas são necessárias para apoiar uma hipótese; deveria ter pesquisado materiais europeus mais antigos; não conseguiu lidar com a questão de classe adequadamente; e subestimou o papel da comercialização. Mais recentemente, Vamplew argumentou sobre a necessidade de um estudo sobre clubes esportivos a partir de teorias de capitais sociais, culturais, físicos, humanos e financeiros.<sup>9</sup>

Finalmente, deve ser enfatizado que, até que se obtenham provas, as teorias estão apenas competindo com as hipóteses. Elas podem ajudar nosso entendimento, mas não explicam a situação completamente. O apoio empírico é necessário para confirmar qualquer hipótese. Além disso, nenhuma teoria é imutável. Se os fatos não se encaixam, o historiador deve checá-los novamente e, se ainda estiver convencido de que são reais, a teoria deve ser modificada. Os historiadores não devem só estar prontos para utilizá-la, mas também adaptá-la.

### Agenda de pesquisa

O leitor interessado em saber sobre o tema em questão pode ser direcionado a várias publicações recentes. Em uma série de “Reflexões Presidenciais”, publicada no *Journal of Sport History* entre 2007 e 2009, presidentes anteriores da ISHPES, BSSH, ASSH e NASSH apresentaram seus pontos de vista em relação às conquistas (e fracassos) de pesquisadores em suas áreas particulares. A maioria dos jornais de história do esporte também tem números ou artigos detalhados que tratam da historiografia de temas específicos. Para resumos do conhecimento já existente em vários países e áreas, os leitores devem consultar a *Pope* e a *Nauright*, que fornecem um guia amplo sobre a história internacional do esporte desde que se desenvolveu como uma área acadêmica de estudo.<sup>10</sup> Uma publicação editada por Edelman e Wilson também analisa o estado acadêmico atual e resume debates correntes, com uma abordagem temática mais ampla.<sup>11</sup>

Há ainda muito a ser descoberto. Geograficamente, apesar das sínteses feitas por Nauright e Torres, respectivamente, sabemos pouco sobre o esporte na África ou na América do Sul.<sup>12</sup> Mais pesquisas são necessárias sobre a difusão histórica e a transmissão cultural do esporte entre as nações. O impe-

<sup>9</sup>Wray Vamplew, “Concepts of capital: an approach shot to the history of the British golf club before 1914”, *Journal of Sport History*, vol. 39, n. 1, 2012.

<sup>10</sup>Steven W. Pope, John Nauright (eds.), *Routledge companion to sports history*, Abingdon, Routledge, 2010.

<sup>11</sup>Robert Edelman, Wayne Wilson (eds.), *Oxford handbook of sport history*, Oxford, Oxford University Press, 2013.

<sup>12</sup>John Nauright, “Africa (sub-Saharan)” In: Steven W. Pope, John Nauright (eds.), *Routledge companion to sports history*, Abingdon, Routledge, 2010, p. 319-329; and Cesar R. Torres, “South America”, In: Steven W. Pope, John Nauright (eds.), *op. cit.*, p. 553-570.

rialismo sempre foi uma preocupação para os historiadores esportivos, especialmente em relação a como a Inglaterra exportou seus esportes e jogos para as colônias e como os países receptores os adotaram e adaptaram. Para aqueles que têm conhecimento das línguas, o imperialismo esportivo está disponível em francês e alemão. Fora do império formal, um projeto com base na Universidade de Cambridge está examinando a disseminação dos esportes dentro da Europa com foco nas reações ao aparecimento de esportes estrangeiros, incluindo aversão, resistência, adoção, adaptação e reinterpretação.<sup>13</sup> Também há um trabalho crescente sobre o império esportivo da América, não meramente com a ênfase sociológica da globalização. Porém, mais comparações intracontinentais são necessárias. O *Journal of Sport History*, publicação oficial da NASSH, ainda não publicou no México, e todo seu trabalho comparativo se restringiu aos Estados Unidos e Canadá. Além disso, a história do

---

*O imperialismo sempre foi uma preocupação para os historiadores esportivos, especialmente em relação a como a Inglaterra exportou seus esportes e jogos para as colônias e como os países receptores os adotaram e adaptaram*

---

esporte tende a ser conduzida dentro dos parâmetros da nação, com relutância (ou falta de capacidade) em cruzar limites nacionais. A língua pode ser uma barreira, mas o trabalho colaborativo pode superar isso, como no projeto mencionado anteriormente, tentando desenvolver formas de pesquisar a história do esporte na Europa. Temas como associativismo, relações de gênero, crianças nos esportes e participação racial/étnica podem levar a comparações interculturais.

Do ponto de vista econômico, nosso conhecimento é deficiente em relação à produção e comércio de produtos esportivos. Sabemos um pouco sobre hipismo, cuja genealogia data dos anos 1600, mas de onde vêm os primeiros equipamentos esportivos? A demanda por algum produto esportivo específico pode ser volátil, e deve existir o compromisso de olhar para tendências e modas em termos de equipamento e aparelhos esportivos. Sabe-se muito pouco sobre patrocínios e publicidade esportiva, pelos quais as empresas tentam familiarizar os consumidores e os produtos. Historicamente, isso já existia com os atletas que fumavam cigarros e usavam loções, e cujos nomes eram pintados em cervejarias, mas não há estudos sobre a extensão ou efetividade disso. Também existe um grande espaço vazio no nosso conhecimento histórico sobre promotores e empresários do esporte.

A história do esporte precisa da sua própria versão da 'história vista de baixo', e deveria prestar mais atenção à grande gama de práticas esportivas informais e pouco organizadas. Há muita demanda em relação aos esportes não competitivos e não elitizados. Porém, isso envolve pesquisa detalhada,

---

<sup>13</sup>Alan Tomlinson, Christopher Young, "Towards a new history of European sport", *European Review*, vol. 17, n. 4, 2011, p. 487-507.

com pouca recompensa acadêmica em curto prazo. Contar o número de clubes de tênis, em funcionamento ou não, em Nottinghamshire, como tem feito um amador entusiasta, é uma tarefa árdua e, no entanto, não tão útil sem um trabalho similar com objetivos comparativos, seja em relação a outro esporte em Nottinghamshire ou ao mesmo esporte em outra cidade. Embora existam muitas histórias individuais de clubes, seu conceito e a organização voluntária com a qual a maioria dos esportes acontece requer uma investigação mais aprofundada. Esta instituição, muito presente, tinha vários formatos, incluindo clubes esportivos privados, alguns associados com o mercado de bebidas alcoólicas, religião, política, educação e militares, e originados por meio da intervenção de autoridades locais no setor de entretenimento.

Este movimento, distante da elite esportiva, também inclui as crianças, área praticamente intocada. O papel da família precisa ser mais investigado, mas até o outro grande agente de socialização, a escola, não foi devidamente analisado. Dentro da Inglaterra, a maioria dos trabalhos é direcionada às escolas públicas vitorianas, embora não esteja claro se a prática se relaciona com a retórica e se o processo de socialização é de fato efetivo. Escolas do Estado são praticamente um território inexplorado, embora a maioria dos atletas profissionais tenha sido aluno dessas instituições educacionais. Algumas crianças, como o menino que pratica hipismo e a menina que joga golfe, tinham de fato um emprego, uma atividade profissional. Aqui, existe uma oportunidade para explorar os conceitos de trabalho infantil (exploração) em contraponto com o trabalho infantil positivo, e a dicotomia entre as atividades de trabalho que são sociais e instrumentais.

Dois grupos de conceitos que foram amplamente estudados, mas que

---

*Há lugar na história para os corredores:  
maratonistas que não chegam ao final,  
e os ciclistas do Tour de France que também  
não alcançam a linha de chegada*

---

ainda têm espaço para mais análises, são a raça/etnia e o gênero. Raça e etnia aparecem especialmente em estudos dos Estados Unidos, Austrália e África do Sul, os quais definiram os estágios históricos de reconhecimento dos negros em círculos esportivos dominados pelos brancos. Estes estudos envolveram os valores de ineditismo, exclusão, segregação, discriminação e, eventualmente, aceitação, embora ainda exista o estereótipo baseado em percepções sobre a habilidade física do negro. A posição das mulheres nos esportes foi muito abordada. Durante grande parte do século XIX, e bem depois em muitos países, metade da população sofria restrições em termos de esportes simplesmente por ser mulher. Dependendo do esporte e do país, os mecanismos incluíam a reprovação dos homens e das mulheres, opiniões médicas e científicas e regras impostas pelos clubes, organizações e competições. Ainda assim, pouco se estudou em relação a outros fatores, como as demandas do trabalho, criação de filhos e preferência por outras atividades de lazer. Além disso, pouco se falou sobre a participação feminina como espectadoras,

apesar das provas fotográficas de seu envolvimento. O que acontece agora é o reconhecimento de que esporte e gênero não são mais sinônimos de esporte e mulheres. Masculinidades foram adicionadas ao tema. O esporte moderno foi estabelecido sendo masculino desde sua concepção, e fez muito para construir a masculinidade em várias sociedades. Como local de atividade masculina voluntária, o esporte tem sido uma grande maneira de equalizar os gêneros.

Uma falha dos historiadores esportivos é conseguir captar completamente a emoção e o aspecto físico do esporte. Não se sabe como era ser um apaixonado por futebol nos anos 1880, ou um lutador que lutava com as próprias mãos, antes da introdução da luva de boxe. Seria muito negativo simplesmente levar a experiência moderna de ser um fã ou participante para o passado. Os historiadores esportivos precisam buscar novos materiais em programas de esportes, imprensa local, e até romances do período. De alguma forma, precisamos ouvir essas vozes.

Outra questão que deve ser levada em consideração é que, para de fato representar a participação no esporte, a história deve falar mais sobre os perdedores, já que perder é a parte mais típica dessa experiência: só pode haver um campeão, um vencedor. Também há lugar na história para os corredores: maratonistas que não chegam ao final, e os ciclistas do Tour de France que também não alcançam a linha de chegada. Além disso, pouco se relatou sobre aqueles que não gostam dos esportes e os motivos para isso.

Deve-se enfatizar que nunca haverá uma palavra final sobre qualquer tema estudado por historiadores esportivos, somente a melhor opinião em algum momento. De acordo com Polley, o passado ainda está sendo reescrito “à luz de [...] necessidades e interesses atuais conforme o clima cultural altera as novas formas de olhar para questões históricas que estão sendo formuladas”<sup>14</sup> De fato, Howell resumiu como a história do esporte mudou durante sua carreira acadêmica.

[...] as atuais interações banais da história vinda de baixo; o desenvolvimento e empobrecimento da análise do controle social; o Marxismo cultural flexível dos anos sessenta e setenta liderados por Edward Thompson, Raymond Williams e outros; a fascinação da disciplina com as noções de hegemonia de Gramsci; questões de agência; a emergência de estudos subalternos; os discursos de Foucault sobre tecnologias sociais, técnica e disciplina; a escavação de representações e as palavras imaginadas do passado e do presente; e a virada cultural e linguística [...]. Tudo isso causou mudanças no modo de atuar dos historiadores esportivos.<sup>15</sup>

## O futuro da história do esporte

O mundo da história esportiva é plural, com diversas variações de origem, desenvolvimento e estado atual no mundo. Isso ficou claro no debate organizado

<sup>14</sup>Martin Polley, *Sports history: a practical guide*, Basingstoke, Palgrave, 2007, p. 4.

<sup>15</sup>Howell, Colin Howell, “Assessing sport history and the cultural and linguistic turn”, *Journal of Sport History*, vol. 34, n. 3, 2007, p. 460.

durante o fórum do 25º conferência da *British Society of Sports History*, em 2007, onde os presidentes de quatro grandes organizações de história esportiva apresentaram seus pontos de vista sobre a situação da disciplina em seus próprios territórios. Um estudo de Hoffman e Kay, apresentado no congresso NASSH de 2011, que analisou o conteúdo das publicações de história esportiva e programas de conferências na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos, demonstrou a diversidade de abordagens existentes nessas nações. Eles alertaram que quanto mais o trabalho e conhecimento acadêmico tornam-se internacionais, e historiadores regularmente apresentam seus achados para além de suas sociedades nacionais, devemos estar atentos de que nem todos cantam as mesmas músicas, ao mesmo tempo, no mesmo ritmo.

Pope e Nauright disseram que a “história do esporte não é mais uma curiosidade acadêmica”, mas isso não significa que faz parte da história convencional.<sup>16</sup> Um grande problema para os historiadores esportivos é que, apesar de alguns historiadores convencionais reconhecerem que o “esporte é imensamente importante para qualquer tentativa séria de reconstruir a vida coletiva de uma nação”, poucos leem seus trabalhos.<sup>17</sup> Enquanto os historiadores esportivos pensam que têm muito a oferecer em debates sobre globalização, raça e etnias, e especialmente identidade, já que o “esporte ajuda a moldar o senso de quem somos”, historiadores convencionais, quando querem, veem a história do esporte como uma fonte de exemplos interessantes, mas que contribuem pouco para questões centrais.<sup>18</sup> Um motivo possível para que eles estejam alheios ao bom trabalho realizado pelos historiadores esportivos é que até recentemente nenhuma publicação sobre o assunto aparecia no índice de citações do *Arts and Humanities* e *Social Sciences*. Porém, isso está começando a mudar. O *International Journal of the History of Sport* acabou de ser aceito pela Thomsom Reuters, e o *Journal of Sport History*, pela Scopus. Claro, o *Google* pode ser a salvação da história do esporte, já que muitos artigos são escaneados neste sistema. Alguns jornais convencionais publicam textos esportivos. Entre outras ações em direção a relações mais próximas, é possível perceber que, na Austrália, a ASSH conseguiu manter relações com a conferência nacional da *Australian Historical Association*, e a intenção explícita da publicação a ser lançada, *Oxford Handbook of Sport History*, é efetivamente atingir o público dos historiadores convencionais, para quem o trabalho é direcionado. Espera-se que eles possam entender que a história do esporte oferece uma “janela dinâmica acessível para a política, economia, gênero, raça, formação de classes, ideologia, religião, virtudes e disciplina”.<sup>19</sup>

Alguns historiadores esportivos acreditam que, para serem aceitos pelos convencionais, devem seguir um caminho mais teórico. De fato, isso ajudaria a estabelecer uma mudança na história convencional progressiva, especialmente se a teoria for modificada e desenvolvida, não apenas aplicada. Porém, o lado negativo é a possibilidade de que isso diminuiria drasticamente o número de leitores não acadêmicos que não têm tempo para teoria de Foucault e Bourdieu, ou para conceitos teóricos, como a hegemonia e o discurso. Eles

<sup>16</sup>Steven W. Pope, John Nauright (eds.), *Routledge companion to sports history*, Abingdon, Routledge, 2010, p. 3.

<sup>17</sup>Martin Johns, “British sports history: the present and the future”, *Journal of Sport History*, vol. 35, n. 1, 2008, p. 70.

<sup>18</sup>Jeffrey Hill, *Sport in history: an introduction*, Basingstoke, Palgrave Macmillan, 2011, p. 73.

<sup>19</sup>Steven W. Pope (ed.), *The new American sport history*, Urbana, University of Illinois Press, 1997, p. 3.

não necessariamente aceitariam que a perspectiva histórica é um terreno contestado com uma pluralidade de significados, e que há diferentes versões para os eventos, dependendo do ponto de vista da narrativa que está sendo construída. Eles também podem não gostar do argumento de Booth, de que todos os “fatos são afirmações propostas sobre a natureza da realidade”, e que todas as fontes distorcem ou filtram a verdade, e que todas precisam de interpretação.<sup>20</sup> Esses historiadores esportivos amadores não devem ser abandonados em antiquários. Esses fãs de computador podem não contextualizar bem, mas normalmente entendem seus “fatos esportivos” e fornecem relatos sólidos com os quais os historiadores acadêmicos podem construir seus argumentos. Um exemplo é o estudo de Vamplew sobre o desenvolvimento do clube de golfe inglês com a utilização de mais de 300 histórias de clubes individuais, escritas principalmente por entusiastas amadores.<sup>21</sup>

Outra atitude levaria os historiadores de esportes a incorporar o campo mais amplo da história do lazer, que poderia progredir ao ser conectado com histórias de gosto, lazer e consumo. Johnes argumenta que o esporte não pode ser tido como especial, porém, é outra forma de lazer.<sup>22</sup> O esporte é uma atividade física, mas a dança e a jardinagem, também. Podem ser competitivos, assim como a culinária e a música; poderiam ser sociais ou solitários, assim como muitas atividades de entretenimento. Johnes ainda diz, certamente não há emoção ou atração envolvidas no esporte que não possam ser encontradas em outros passatempos”. Além disso, as organizações de lazer e esporte se basearam em clubes, com regras e regulamentos. Alguns acadêmicos até sugeririam que alguns esportes possam ter mais em comum com atividades de lazer do que com outros esportes. Collins questiona qual é o ponto em comum entre o polo de Hurlingham e a luta de Hull, e sugeriu que “faria mais sentido estudá-los em seus próprios contextos sociais, como atividades e manifestações de significados para grupos sociais específicos, em vez de parte do conjunto dos esportes.”<sup>23</sup>

Seja qual for o caminho, nenhum pode dominar a subdisciplina. Atualmente, existem dicotomias entre: aqueles que optam pela quantificação e aqueles que preferem uma abordagem qualitativa; aqueles que buscam informação no nível grupal (normalmente, os quantificadores), e aqueles que olham o individual (especialmente os historiadores não estatísticos); aqueles que aplicam a teoria e conceitos teóricos, e aqueles com foco mais empírico; e aqueles que colocam questões modernas em um cenário histórico, ou os que tentam entender o que importava no passado. Diferentes escolas de pensamento podem co-existir: isso aconteceu no passado, acontece hoje, então, por que não no futuro?

<sup>20</sup>Douglas Booth, *The field: truth and fiction in sport history*, Abingdon, Routledge, 2005, p. 30.

<sup>21</sup>Wray Vamplew, “Concepts of capital: an approach shot to the history of the British golf club before 1914”, *Journal of Sport History*, vol. 39, n. 1, 2012.

<sup>22</sup>Johnes, “British sports history”, p. 69.

<sup>23</sup>Tony Collins, “Review article: work, rest and play: recent trends in the history of sport and leisure”, *Journal of Contemporary History*, vol. 42, n. 2, 2007, p. 399.